

Bildung: uma nebulosa na educação contemporânea

Bildung: a nebula in contemporary education

Leandro José Kotz

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. Bolsista Taxa Prosup/Capes.

E-mail: leandrokotz@hotmail.com

Revista Brasileira de Ensino Superior, Passo Fundo, vol. 4, n. 1, p. 97-109, Jan.-Mar. 2018 - ISSN 2447-3944

[Recebido: Dez. 12, 2017; Aceito: Fev. 21, 2019]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2447-3944.2018.v4i1.3183>

Endereço correspondente / Correspondence address

Rua Vinte e cinco de junho, 73, Apto 303, Centro
Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, Brasil.
CEP 98801-670

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Como citar este artigo / How to cite item: [clique aqui/click here!](#)

Resumo

O presente artigo tematiza a compreensão de uma formação mais alargada na interface com a ética no cenário contemporâneo da educação. Parte-se do pressuposto de que a formação não é possível sem a ética, ao passo que, a formação pode potencializar nos indivíduos o discernimento ético. Entretanto, as propostas pedagógicas que se inspiram na *Bildung* (formação alargada) com uma interdependência na axiologia, podem de modo genérico, cair em uma armadilha do mercado globalizado. Destarte, é mister proceder uma crítica sem reservas às forças ideológicas que corrompem com o possibilidade de formar o humano de modo integral, denunciando a educação que prepara para funções específicas, dito de outro modo, para o mercado de trabalho. Por fim, cabe frisar que a *Bildung* corre o risco de degenerar-se em ideologia de mercado – se é que não se degenerou.

Palavras-chave: *Bildung*. Educação contemporânea. Mercado.

Abstract

This article studies the understanding of a broader formation in the interface with ethics in the contemporary scenario of education. The assumption is that training is not possible without ethics, whereas training can empower individuals with ethical discernment. However, the pedagogical proposals inspired by *Bildung* (broad formation) with an interdependence in axiology can, in a general way, fall into a trap of the globalized market. Hence, it is necessary to proceed with an unreserved criticism of the ideological forces that corrupt the possibility of integrally forming the human, denouncing the education that prepares for specific functions, in other words, for the labor market. Finally, it should be stressed that the *Bildung* runs the risk of degenerating into a market ideology - if it has not degenerated.

Keywords: *Bildung*. Contemporary education. Marketplace.

1 Introdução

No título da presente pesquisa, está esboçada a hipótese de trabalho. O que é remanescente da *Bildung* – formação cultural alargada – no cenário contemporâneo são elementos difusos e amalgamados com o ideal de educação do capitalismo globalizado. Nesse sentido, a *Bildung* passou por um processo de desenraizamento de sua compreensão originária. De formação integral e ampla passa a se restringir a um propósito, preparar indivíduos para o mercado de trabalho. Essa concepção, evidentemente, implica em consequências do ponto de vista ético. O processo educativo é arquitetado por uma racionalidade instrumental que tem por escopo formar pessoas altamente qualificadas – em teoria –, mas que têm dificuldade e/ou são incapazes de discernimento ético e de pensar criticamente as questões do chão da vida e da própria existência.

Uma suposta formação com vistas a maioria intelectual, mas que é parcial e tutelada pelo sistema econômico para ficar entre a maioria e a minoridade (además, alguém que não tem instrução técnica mínima não é incorporado no mercado). Prova disso é a incapacidade de discernimento ético e de conduzir de forma autônoma a própria existência além de pensar as questões do chão da vida – nisso está implícito a incapacidade de fazer uso do próprio entendimento. Hodiernamente, algumas características da *Bildung* são promessa de instituições formais de ensino, mas que de modo geral, são um estratagema empregado como *marketing*. Diante de uma economia que não esboça nenhum rosto humano¹, cresce a preocupação em salvaguardar alguns valores, potencialmente, oferecidos por essas instituições de ensino.

Para entender o dinamismo da redução da educação institucional ao objetivo de formar para o mercado de trabalho, faz-se mister, interpretar alguns elementos da atual conjuntura do capitalismo, a serviço do qual está a educação. Faz-se isso, a partir das contribuições teóricas do economista Franz Hinkelammert. Em um segundo momento, desdobra-se a ideia de que a *Bildung* não escapa do mercado e, portanto, é oferecida como uma mercadoria. Portanto, o objetivo da presente pesquisa pode ser descrito por meio de uma citação de Adorno: “pensar é, já em si, antes de todo e qualquer conteúdo particular, negar, é resistir ao que lhe é imposto” (2009, p. 25).

2 Capitalismo globalizado e a política de mercado absoluto

Na atual conjuntura, sobretudo, em países que adotam uma política neoliberal, a esfera econômica determina as demais. Não se trata de fazer um juízo qualificativo, mas perceber que a lógica de mercado prevalece e imprime suas demandas nas demais esferas, ou seja, constituiu-se num primado. Sendo assim, nem mesmo a

1 “El capitalismo de los países centrales ya no se preocupa de mostrar algún rostro humano” (HINKELAMMERT, 2001, p. 12).

educação escapa de suas malhas, tampouco, percebe-se nela um contra ideal que possa emergir. Se assim for, o ensino é arquitetado, em boa media, pelo sistema econômico e para o sistema.

Hinkelammert descreve o processo de globalização analogamente a um furacão. Por onde passa devasta. Não há força de resistência relevante, ou ainda, algo que impeça um furacão. Dedutivamente, infere-se que a consequência produzida pela falta de um padrão de resistência tornou-se principal argumento de legitimação da globalização e, única possibilidade concreta para pensar a economia. Conforme o economista, “la aparente falta de alternativas contribuyó a la legitimación del proceso. Como, aparentemente, ya no hay espacios de soluciones alternativas, la globalización y el sometimiento a ella es presentado como realismo” (HINKELAMMERT, 2001, p. 5).

A suposta falta de alternativas, contudo, não impede o pensamento de projetar e buscar outras opções. Porém, se se perguntar por modelos que tensionem a economia de mercado, não se pode ter em conta o mercado enquanto tal até os dias hodiernos. Para Hinkelammert, não há problema com a economia de mercado, o mercado é o problema (cf. 2001, p. 27). A pergunta pela alternativa deve surgir do núcleo desse paradigma. De mais a mais, ao longo da tradição alternativas foram pensadas e algumas objetivadas, mas que entraram em colapso como, por exemplo, o socialismo, ou sequer foram adotadas, como o comunismo. Segundo Hinkelammert, uma possibilidade é a aposta em um capitalismo solidário como antítese ao selvagem e predador. Porém, essa opção implica em mudança civilizacional global², que

- 2 Um dos autores que fala em mudança civilizacional é Jürgen Motmann em *Ética da Esperança* (2012). Adela Cortina na obra intitulada *Cidadãos do mundo* (2005), afirma que, os problemas interculturais e mundiais não podem ser pensados e abordados de modo isolado ou por uma cultura. De mais a mais “[...] é preciso tomar consciência de que nenhuma cultura tem soluções para todos os problemas vitais e de que pode aprender com outras, tanto soluções das quais carece como a se compreender a si mesma” (CORTINA, 2005, p. 143). A questão que emana é: quais valores deveriam ser respeitados por todos independente da cultura? Valores que se cancelariam justos pela sua universalidade, isto é, são justos, pois favorecem as expectativas e desejos universais. Deste modo, fica nítido que, uma possibilidade de resolver problemas de ordem mundial passa necessariamente pelo diálogo e engajamento coletivo. Tais possibilidades tem um lugar privilegiado nas éticas discursivas. “A própria ética discursiva inscreve-se em uma antiga tradição dialógica, que – fiel a uma tradição judaica – valoriza sobremaneira o lugar da palavra na vida humana e, concretamente, da palavra posta em diálogo, na busca cooperativa da verdade e da justiça” (CORTINA, 2005, p. 166). Nessa perspectiva, o diálogo é o mediador entre as diversas culturas, a partir disso, pode-se polemizar: quem está apto, ou ainda que tipo de cultura está apta a entabular um diálogo? Tais questões não são procedentes e razoáveis. Para Adela, “[...] estar disposto a entabular um diálogo significa estar disposto também a aceitar as condições que lhe conferem sentido. E, a partir dessa perspectiva, nenhum interlocutor está legitimado a privar da vida seus interlocutores potenciais nem a lhes negar a possibilidade de se expressar, nem a lhes atribuir *a priori* um lugar de inferioridade (2005, p. 168). Ora, o pressuposto básico para que o diálogo possa ser entabulado é a igualdade, isto é, os interlocutores precisam estar em pé de igualdade, isso por sua vez, exige mínimos de justiça. “Mínimos de justiça seriam, portanto, aqueles que precisamos promover para que os interlocutores possam dialogar em pé de igualdade, e

hodiernamente está em segundo plano para muitas nações³. “Alternativas aparecem en el interior de los mercados, para oponerse a la lógica del mercado, que es lógica del mercado total” (HINKELAMMERT, 2001, p. 27). Todavia, o problema tange ao mercado total, em nome dele, sustenta-se que não há nenhuma alternativa. O mercado é apresentado como alternativa para o estado. Subjacente a esse processo, encontra-se a teologia com seu jogo de linguagem que é incorporada pelo modelo econômico revestindo-se de uma aura soteriológica, dito de outro modo é a solução da história, logo fora da economia de mercado não há salvação⁴.

Numa perspectiva técnica, conforme Hinkelammert sabe-se de que fonte emanariam alternativas, por meio de: “[...] uma nova ordem mundial dos mercados, das finanças e do meio ambiente” (2001, p. 29). Contudo, tais perspectivas são negadas diante da totalização do mercado. Assim sendo, não há *telos* em sustentar a ideia de alternativas ou instâncias reguladoras do mercado selvagem. As alternativas não são impossíveis como tais, são feitas impossíveis, quando se nega sua legitimidade. O resultado é a destruição violenta do esforço cognoscível⁵ em buscar soluções e da vida de modo geral (cf. HINKELAMMERT, 2001, p. 28-29).

A sociedade que alimenta e acredita que não há alternativas tem como critério econômico-político a eficácia. Diante da eficácia cai qualquer conjectura de contra ideal, isto porque este modelo é o que mantém as maiores taxas de desenvolvimento econômico⁶, por conseguinte, teoricamente estabeleceria uma condição de igualdade entre os indivíduos – ou ao menos teria maior probabilidade. No entanto, altas taxas de crescimento econômico não resultam necessariamente em condições melhores

qualquer característica cultural que ponha em risco a defesa desses mínimos pertence ao âmbito do que deve ser rejeitado e denunciado. Tais mínimos não surgem de uma tradição política determinada, como a liberal, e sim de uma racionalidade impura, entranhada no mundo da vida das diferentes culturas no início do século XXI. É por isso que, para determiná-los, é preciso entabular diálogos reais entre as diferentes culturas, e não impô-los a partir de uma cultura política (CORTINA, 2005, p. 169).

3 A prova de que urge uma mudança de percepção vem da crise ecológica que é sentida em todo mundo. A título de exemplo cabe mencionar, o efeito estufa, o derretimento das calotas polares, chuvas ácidas, entre outros. Diante disso, vários encontros mundiais ocorreram com o escopo de solucionar os problemas ecológicos. Porém, pouco se avança e/ou avançou para uma mudança de atitude. De acordo com Dias, “todas as tentativas foram feitas: encontros internacionais sucessivos, desenvolvimento de legislações rigorosas, avanços tecnológicos em gestão ambiental e uma crescente mobilização internacional. Entretanto, a despeito de inegáveis avanços em prol da preservação e conservação do ambiente, nada disto está conseguindo deter a destruição generalizada dos sistemas que asseguram a vida na terra” (DIAS, 2004, p. 99).

4 Ver: HINKELAMMERT, 1995.

5 Quem empreende um esforço inteligível e busca novos rumos, de modo geral, sofre com estigmas e corre o risco de ser identificado como classe perigosa.

6 Para Hinkelammert, taxas de crescimento econômico não passam de um mito, ademais é uma política econômica transmutada em política de crescimento econômico que não integra a esfera social na vida econômica. “El mito de las tasas de crecimiento como receta para la solución de los problemas apenas sobrevive entre los partidarios de la política de globalización” (HINKELAMMERT, 2001, p. 10).

de vida para as minorias (entende-se por minoria, grupos sociais que não possuem direitos reconhecidos, negados ou negligenciados). Portanto, trata-se de uma ilusão e ao mesmo tempo configura-se numa crença no deus mercado, como modo de erradicação dos problemas, isso por seu turno, não permite alternativa, aliás, desejá-la é no mínimo ingenuidade (pois esse modelo é o que permite maior crescimento), além de ser um ataque contra a humanidade (uma vez que pode gerar igualdade social entre os desiguais).

A taxa de desenvolvimento econômico com seu critério de eficiência é instância que regula a axiologia. “En su criterio central de eficiencia formal, que fue considerado como el tribunal máximo, que decide sobre los valores humanos y éticos” (HINKELAMMERT, 2001, p. 30). Apenas o que é eficiente possui valor. A eficiência é o critério ético supremo do qual se derivam os demais valores. Essa perspectiva engendra uma lógica necrófila, um círculo sacrificial ao deus mercado e, quando se fecha, tudo é lícito. Os indivíduos guiam-se pela relação meio-fim, mas não percebem que ao atingir o fim que tanto disputam entre si, já não há mais possibilidade de ter fins, pois mortos não desejam.

Estamos com dois competidores que estão sentados cada um sobre um galho de uma árvore, cortando-o. O mais eficiente será aquele que conseguir cortar primeiro, com maior rapidez, o galho sobre o qual está sentado. Cairá primeiro, mesmo que tenha ganho a corrida pela eficiência (DUCHROW; HINKELAMMERT, 2003, p. 31).

A própria lógica de mercado traça estratégias para as relações de produção e sociais, pois contém em seu seio o critério ético supremo - eficiência. Os valores que emergem disso são os mais corretos e humanos, segundo essa concepção. Por esta razão, uma alternativa é imoral e um ataque aos direitos humanos⁷, além de obviamente destruir com a ordem e, por conseguinte, com a economia.

7 Somente em nome dos Direitos Humanos é possível violar os Direitos humanos. Ora, se o mercado é a instância máxima que regula os valores a partir do critério da eficiência é legítimo violar os direitos de quem é violador. Na base desse argumento, está a filosofia política de Locke. “Como qualquer um tem o poder de castigar o crime para impedi-lhe a repetição, pelo direito que tem de preservar toda a Humanidade e de executar tudo quanto seja razoável a favor desse objetivo; e assim é que qualquer homem, no estado de natureza, tem o poder de matar um assassino, não só para impedir que outros levem a efeito dano semelhante, que nenhuma reparação pode compensar, pelo exemplo do castigo que o espera por parte de todos, mas também para garantir os homens das tentativas de um criminoso que, [...] declarou guerra contra a Humanidade, pela violência injusta e carnificina por ele cometidas contra outrem, podendo, portanto ser destruído como leão ou tigre, um desses animais selvagens com os quais os homens não têm sociedade ou segurança. E nessas considerações baseia-se a grande lei da natureza: ‘Quem derramar o sangue do homem, pelo homem verá seu sangue derramado’” (LOCKE, 1983, p. 37-38). Conforme, Hinkelammert, segue nessa linha São Justo: “nenhuma liberdade para os inimigos da liberdade. Também Popper o diz: nenhuma tolerância para os intolerantes. Portanto, conclui-se que é preciso submetê-los a eles precisamente o despotismo, fazê-los escravos, mata-los, tirar-lhes a liberdade, e ser intolerantes (HINKELAMMERT, 1995, p. 30).

Solamente lo que es eficiente, tiene valor o lo tiene potencialmente. Lo que no es eficiente, no es admisible en cuanto valor ético. Entonces toda la ética se reduce a la enseñanza de la eficiencia formal que llega a ser el criterio ético supremo. Si se sigue a un criterio de este tipo, evidentemente esta ética es la instancia suprema de la legitimación que son consideradas como las más eficientes y que están implicadas en el supremo criterio ético. Entre ética y relaciones de producción nunca puede aparecer la más mínima tensión. Se han identificado. [...] Portanto, los valores que ellas determinan, son los valores correctos, más acertados y más humanos. [...] Portanto, solamente este sistema burgués puede hacer legítimamente el chantaje com una sola alternativa. Es el sistema que gana. ¿Quién tiene razón? Quién gana! Las tasa de crecimiento basada en el mercado, que sigue a la maximización de las ganancias, es la mayor. Portanto, la economía del mercado es la única economía para la cual no hay alternativa (HINKELAMMERT, 2001, p. 30-31).

Por fim, como síntese dessa seção, cabe citar Adorno – segundo o entendimento aqui sustentado, o filósofo frankfurtiano compreendeu bem o processo do capitalismo tardio. “Nenhuma teoria escapa mais ao mercado: cada uma é oferecida como possível dentre as opiniões concorrentes, tudo pode ser escolhido, tudo é absorvido” (ADORNO, 2009, p. 12). Se for assim, o mercado é instrumentalizador da educação e, inclusive, de padrões de resistência.

3 “Nenhuma teoria escapa mais ao mercado”

Nesse cenário negativo do mercado total, encontram-se algumas resistências como, por exemplo, a aposta em instituições de ensino que prometem uma formação ampla, integral e profundamente enraizada na axiologia como contraponto a avalanche do mercado globalizado. Entretanto, em que medida essa formação não passa de mera mercadoria? A relação entre esse tipo de formação e a ética está articulada nos processos educacionais institucionais? Qual é o *topos* da ética na formação? O que se compreende por formação alargada? Não se pretende responder essa problemática, mas cabe fazer algumas ponderações à luz da suspeita hermenêutica que move esta interpretação desde sua gênese, qual seja, a *Bildung* pode ter sido reduzida a uma mercadoria entre outras.

De onde brota essa suspeita? De sua necessidade! Por que há necessidade da ética e formação estarem em uma relação de reciprocidade e interdependência? Essa questão emana do chão da vida – do qual brota o imperativo de uma formação mais alargada diante da destruição da vida produzida pelo sistema, entretanto, o que se tem é uma educação para o mercado que é sintoma de esvaziamento da *Bildung* conforme

seu sentido clássico (cf. FLICKINGER, 2010, p. 177-178). Outrora o sentido de uma formação mais alargada consistia em estimular a autonomia e a autodeterminação à luz do esclarecimento (cf. FLICKINGER, 2010, p. 177). Para preservar a esperança de uma sociedade independente e pautada pela racionalidade.

O sentido clássico de *Bildung* remete a *Aufklärung*, entre seus idealizadores, destaca-se Kant,

Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, *da qual ele próprio é culpado*. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. *O homem é o próprio culpado* dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de *servir-se de si mesmo* sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [Aufklärung] (KANT, 2012, p. 63-64).

Para sair da condição de menoridade, deve-se ter coragem de servir-se de seu entendimento, libertando-se das determinações e direções impostas por outrem. A saída da menoridade não é tarefa fácil, no entanto, não assumi-la é ser pusilânime e, portanto, culpado da condição de menoridade. De resto, a menoridade confere estabilidade e conforto, pois não há nada sobre o que deliberar, porque se está sob a tutela de alguém ou de alguma coisa (uma revista, um livro, uma receita, um guru espiritual entre outros) (cf. KANT, 2012, p. 64). Nesse sentido, a *Aufklärung* precisa ser compreendida, neste aspecto, em sua positividade. Ademais convoca ao processo de desmistificação e emancipação a partir de uma formação cultural ampla que promove a saída da menoridade⁸, sendo expressão máxima disso, o uso público da razão. Há, contudo, um aspecto negativo,

Adorno e Horkheimer, em *Dialética do Esclarecimento*, mostraram o contraponto dessa concepção de esclarecimento: a razão emancipatória, no capitalismo tardio, converte-se em razão instrumental; o esclarecimento transforma-se dominação e alienação. Essa mudança de perspectiva da racionalidade é problemática séria. O esclarecimento tinha a pretensão de libertar os seres humanos do mito. Com essa modificação de caráter, o próprio esclarecimento torna-se mito, justificação ideológica (WERLANG, 2005, p. 20).

8 Conforme o próprio termo – esclarecimento – indica processo, se for assim é difícil imaginar crianças e até mesmo jovens e adultos chegarem por si mesmos, sem recorrer a nenhuma referência, a fazer uso de seu entendimento. Sobre isso, ver: KANT, 2012, p. 64-65.

A *Bildung* (em sua gênese) configura-se em uma crítica ácida aos processos modernos de especialização e da fragmentação dos saberes, nos quais sobressai o utilitarismo pragmático, com a ideia de uma formação voltada ao que é útil. De crítica ao processo produtivo e formativo, a formação alargada é transformada em razão instrumental e, portanto, segundo Adorno, tem dívidas com o paradigma de barbárie⁹.

Para Flickinger a *Bildung* está desarraigada de sua dimensão fundante e de seu enlace com a ética que fomenta a autodeterminação. Observa-se que na formação alargada cultural o cerne da prática pedagógica é o humano. Contudo, nas sociedades contemporâneas – nas quais é predominante a produção material – a formação cultural está intimamente vinculada à ideia de status¹⁰ e de exploração.

Não é mistério algum que as sociedades capitalistas, nas quais vivemos, estejam girando em torno do trabalho. Por isso mesmo, é a integração do indivíduo no mercado de trabalho que lhe providencia não apenas materiais para sua subsistência, senão, antes de tudo, o reconhecimento como membro valioso da comunidade. Quem não consegue acesso a este mercado corre o risco de uma exclusão social. [...] Quem quiser alcançar um mínimo de independência pessoal terá de concentrar todo o esforço no aperfeiçoamento das condições que o acesso ao mercado de trabalho exige (FLICKINGER, 2010, p. 179).

Impera a lógica econômica nas relações sociais as quais não se pautam por valores chancelados pela ética como morais – mas conforme foi desdobrado na seção anterior, pelo valor imoral de eficiência. Nas diversas esferas sociais [...] “as transformações aí vividas tenham servido, antes de mais nada, para aperfeiçoar e sofisticar o domínio da lógica econômica sobre o ser humano” (FLICKINGER, 2010, p. 179). Com o mercado totalizado alguns indivíduos são jogados nele para sobreviver. Mesmo que o mercado seja reificador, busca-se por meio da educação e da especialização, uma qualificação profissional para ingressar no mercado de trabalho (isso é posto como principal

9 Por isso, Adorno é enfático ao afirmar que, a tarefa da educação é a desconstrução da barbárie. “Qualquer debate acerca das metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem, no que têm de fundamental, as condições que geram essa regressão” (ADORNO, 1995, p. 119). Para o filósofo, Auschwitz é o retorno a barbárie, não é potencialmente uma ameaça, porque as condições tanto objetivas e subjetivas já estão postas na sociedade.

10 Para Adorno a formação cultural é o antídoto do status e da exploração nas sociedades capitalistas. “Sem dúvida, na ideia de formação cultural necessariamente se postula uma sociedade sem *status* e sem exploração” (ADORNO, 1996, p. 392).

sentido da educação¹¹) e, por conseguinte, realizar-se enquanto humano. Entretanto, tal realização é dúbia, ademais está regulada pelo estratagema meio-fim. O trabalho nas sociedades capitalistas contemporâneas é um meio para adquirir bens materiais ou ainda para a acumulação de capital, estas são as finalidades. Logo, a necessidade econômica determina o tipo e qualificação, e não propriamente a vontade de optar por uma qualificação ou profissão independente de sua remuneração. “Não é o homem cujas vontades e aspirações condicionam o processo de sua formação” (FLICKINGER, 2010, p. 187).

[...] não é mais o homem que se realiza por meio de seu trabalho;
[...] Ao contrário, a sociedade de trabalho efetua-se por meio da
economização abrangente do homem, desacoplando-se assim
do que originalmente compôs o ideal da formação no seu pleno
sentido da *Bildung*; a saber, do interesse ético-social e biográfico-
construtivo (FLICKINGER, 2010, p. 180).

A relação que se estabelece entre formação e trabalho condiciona o indivíduo, pois nem sempre o trabalho ao qual se submete é de seu interesse, ou como Flickinger afirma, foi subtraída do indivíduo sua autonomia e autodeterminação biográfica. Dito de outro modo, no mercado totalizante, no qual tudo é determinado pela economia, pouca ou nenhuma possibilidade há para seguir a vontade e, por conseguinte, ser o protagonista da própria existência (biografia). Assim, infere-se, que a relação entre formação e trabalho resulta em uma liberdade forçada. Diante das rápidas mudanças no conhecimento e no mundo do trabalho, surge a sensação de insegurança e instabilidade. Destarte, a formação pode ser anacrônica ou deve ser contínua, pois contínuas são as mudanças na ciência, na tecnologia e no trabalho. O processo de aperfeiçoamento contínuo, na sua imediatidade parece proporcionar liberdade e autonomia e, consecutivamente, garantir segurança no que concerne em manter-se no mercado de trabalho. Isso “[...] resulta de um processo de modernização que, no fundo, visa ao aperfeiçoamento da camisa de força à qual o homem está sendo entregue; [...] o homem vive o sofrimento pelo pesadelo a liberdade” (FLICKINGER, 2010, p. 182). Trata-se de uma liberdade que não tem origem no indivíduo, mas de uma necessidade que lhe é estranha.

Portanto, nesta seção, tentou-se demonstrar que, a *Bildung* como ideal de formação mais alargada interligada com a ética é esvaziada de sua pretensão fundante/originária e transformada em mercadoria. Ao invés de proporcionar autonomia aos homens, a formação é confiscada e distorcida – de ampla à restringida - pelo mercado que se impõe como elemento primordial para potencializar a liberdade econômica e, a partir desta, a liberdade de modo geral.

11 Para Flickinger, o processo educacional é pensado a partir da racionalidade econômica, sendo que os resultados são mensurados por essa racionalidade (cf. FLICKIGER, 2010, p. 180).

4 Conclusão

Uma educação que é refém do mercado é aporética no que concerne ao desenvolvimento de uma formação mais alargada. Diante desse limite, não se trata de uma simplificação da complexidade dos processos sociais, políticos e econômicos nos quais a educação está envolvida, mas em perceber que a formação institucional é frágil e pode estar corroborando a razão instrumental/técnica. Daí que, pensar o retorno da *Bildung* em seu sentido originário poderia constituir-se como antídoto, através da crítica corrosiva que traz intrinsecamente ao utilitarismo e ao pragmatismo que regem a vida social e econômica. Se assim for, então a tarefa do pensamento consiste em proceder com a crítica ao mercado e a formação, em uma tentativa de colar os fragmentos difusos da *Bildung* – aquilo que resta, mas que é distorcido em função do lucro.

Conforme Flickinger, o sentido fundante da *Bildung* pensa “o ser humano na sua íntegra e não somente como elemento funcional em um sistema por ele vivido como um mundo a ele impingido” (2010, p. 193). Esse discurso, a saber, de promover o humano na íntegra é assumido por várias instituições formais de ensino, mas, sobretudo, como *marketing*, ou seja, um estratagema empregado pelas instituições de ensino em uma luta por alunos. Isso fica nítido na medida em que o processo formativo mais amplo não está claro para as próprias instituições e, por essa razão, muitas vezes, não está definido no projeto político pedagógico de modo claro. Em outras palavras, não se sabe ao certo o que é e como objetivar a *Bildung* na interface com a ética na contemporaneidade.

Diante do mercado globalizado total, pensar é resistir, conforme Adorno. E este é o grande objetivo da presente reflexão, de mais a mais, consiste em uma denúncia de um determinado padrão estabelecido e que inibe qualquer alternativa. Daí que, as instituições de ensino não podem prescindir do pensamento crítico em relação as novas demandas oriundas do mercado que lhes são impostas. Reconhece-se que essas preocupações – elaborar alternativas, tanto para o mercado total e para a educação intrumentalizadora – não foram assumidas nesta reflexão, não obstante, são de grande relevância. Conforme os filósofos frankfurtianos, a esperança preserva-se naquilo que está fora da lógica de mercado. Caberia, portanto, indagar o que está fora desse âmbito. Nesse sentido, Flickinger sinaliza para espaços (como, por exemplo, grupo de jovens e de motoqueiros, cf. 2010, p. 189-190) nos quais os indivíduos buscam uma liberdade não forçada para constituírem suas biografias. São espaços de formação não institucionais, mas nos quais os indivíduos são protagonistas, isto é, podem deliberar e, portanto, gozam de uma determinada autonomia.

Como a educação está reduzida a ditadura do mercado,

[...] parece-me que temos de contar com a interdependência constitutiva entre a educação formal-institucional e um espaço não formal de experiências formadoras. Porque, na medida em que os processos institucionais da educação tentam inserir os indivíduos nos caminhos de qualificação prefigurados pelo mercado de trabalho e pelo mundo econômico em transformação permanente – mundo este que é desacoplado do mundo da vida e dos interesses essenciais das pessoas –, estes mesmos criam chances de *experienciar* espaços de vida e modos de agir por eles mesmos escolhidos, em correspondência com suas necessidades e seu entendimento de uma vida autônoma (FLICKINGER, 2010, p. 189).

Portanto, as experiências educacionais não formais permitiriam o exercício da autonomia, seriamente, comprometido como acima foi desenvolvido. No entanto, isso não significa o descarte da formação institucional. Por fim, trata-se de mover em um horizonte utópico crítico. Crítico porque não se negligencia a complexidade subjacente nos atuais processos educacionais de adestramento e utópico, pois há esperança de colar os elementos difusos da *Bildung* – usurpada pelo mercado e comercializada – e, por conseguinte *repensar* uma formação com vistas à autonomia e à autodeterminação.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor W. Teoria da Semicultura. *Revista Quadri-mestral de Ciência da Educação. Educação e Sociedade*. Campinas: Papirus, ano XVII, n. 56, p. 388-411, dez. 1996.
- CORTINA, Adela. *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania*. Trad. Silvana Coubucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- DIAS, Genebaldo Freire. *Fundamentos da educação ambiental*. Brasília: Universa, 2004.
- DUCHROW, Ulrich; HINKELAMMERT, Franz J. *La vida o el capital: alternativas a la dictadura global de la propiedad*. San José, Costa Rica: DEI, 2003.
- FLICKINGER, Hans-Georg. *A caminho de uma pedagogia hermenêutica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010, p. 177-193. (Coleção Educação Contemporânea).
- FRANZ, Hinkelammert J. *El nihilismo al desnudo: los tiempos de la globalización*. Santiago, Chile: LOM Ediciones, 2001.
- FRANZ, Hinkelammert J. *Sacrificios humanos e sociedade ocidental: Lúcifer e a Besta*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995.
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é “esclarecimento”? In: KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 64-71. (Coleção Textos Filosóficos).
- LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo*. Trad. E. Jacy Monteiro. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os pensadores).
- MOLTMANN, Jürgen. *Ética da Esperança*. Trad. Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2012.
- WERLANG, Júlio C. *Educação, cultura e emancipação: estudo em Theodor Adorno*. Passo Fundo, RS: Ed. IFIBE, 2005. (Coleção Diá-Lógos).